

## AS FORMAS DE RESISTÊNCIA DOS ARTISTAS FEIRANTES: NOTAS PARA UMA HISTORIOGRAFIA DA FEIRA DOS ARTISTAS DA BEIRA-MAR EM FORTALEZA

Tereza Gracilene de Matos<sup>1</sup>

CEFET/CE – tereza\_matos@yahoo.com.br

Gilberto Andrade Machado<sup>2</sup>

CEFET/CE – gilmach@cefetce.br

### Introdução

Observando a história das artes plásticas do Ceará, notamos que ela ainda é pouco explorada. Talvez, porque as noções de arte e de artista que fomos habituados a pensar, ainda se regulem pelas referências estilísticas europeias. Ou, porque ainda negamos as camadas ditas populares e suas expressões artísticas um olhar menos desconfiado sobre suas formas de produção e de organização.

É sobre estas dúvidas e olhares, que propomos uma reflexão sobre a feira dos artistas da Beira-Mar, na tentativa de construir um ensaio historiográfico que contemple também “a função econômica da arte que influencia diretamente o que é produzido, apresentado e recebido pelo público” (Pinho, apud Montezuma, 1990:37).

A feira dos artistas da Beira-Mar, da qual fazemos parte, localiza-se hoje na Avenida John Kennedy mais conhecida como Beira-Mar, defronte ao Hotel Beira Mar, nº 3130. Os artistas estão neste espaço de domingo a domingo no horário de 17h as 23h, aproximadamente.

A exposição acontece em alambrados, cercado com fios de arame, que servem para colocar as telas. Esta estrutura é dividida em várias partes, cada uma mede 5,00m de largura e 1,60m de altura formando aproximadamente uma área total de 85,00m linear, em forma de “U”.

Este mesmo espaço físico é ocupado por dois grupos de artistas. O primeiro é composto por treze artistas, que deram início a feira no final da década de 70; estes são privilegiados com um espaço maior, dividido partes iguais. O segundo é formado por dezesseis artistas que utilizam o alambrado abandonado pelo primeiro grupo na década de 80. Há neste último grupo, certa disparidade na distribuição dos espaços, pois uns têm mais espaços do que os outros. A disputa pelo espaço, aparentemente, tem sido a causa que impede a unificação dos dois grupos.

Para realização deste trabalho, foram entrevistados cinco artistas, sendo que três deles são os mais antigos do primeiro grupo e têm versões semelhantes sobre o início da feira. Os outros dois são os mais antigos do segundo grupo,

que enfatizam como começaram a expor no espaço abandonado pelo primeiro grupo.

O motivo principal que levou estes artistas a exporem seus quadros no calçadão da praia foi a possibilidade de comercialização direta com o público e como consequência mostrá-los para a população local e visitantes que frequentam a feira. Para eles, participar da feira não diminui o valor de seus trabalhos, pelo contrário, isso é motivo de orgulho que reforça o sucesso dos autodidatas.

Partindo de suas recordações, os artistas descreveram o dia-a-dia da feira e os modos como a compreendem. Neste sentido nos apoiamos nos conceitos de história oral apresentados por Meihy (2002:13) “que consiste num recurso para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos”. Segundo o autor trata-se de uma história que tem continuidade no tempo presente e que tem dado espaço preferencial a aspectos das manifestações coletivas.

## As Formas de Resistência dos Artistas-Feirantes

A Feira dos Artistas da Beira-Mar foi criada por um grupo de artistas no final da década de 1970. Organizado inicialmente por César Gabrielle e Onélia de Brito (já falecidos), junto a eles participaram também Lúcio Pontes, Júlio Silveira, Hélio, J. Estélio. No início da década de 1980 entraram outros artistas como: Raimundo Neto, Manuel Neto e Da Costa.

A exposição dos quadros localizava-se próximo ao Náutico Atlético Cearense, onde hoje se encontra a feirinha de artesanato. Os artistas começaram a mostrar e vender seus trabalhos sem nenhuma estrutura:

Aí era uma luta danada [...]. Agente trazia os cavaletes, aí montava os cavaletes, isso torcendo para não dar um vento, que quando dava um vento, aí a gente tinha que sair colhendo tudo [...]. Tinha uma época que era engraçado, que para segurar a gente colocava uma pedra em baixo segurando o cavalete. (Manuel Neto).

Ainda privilegiamos os museus e as galerias, como espaços por excelência destinados as exposições de artes plásticas. Tateamos em conceitos dúbios como arte, artesanato, *design*, que isolam o cotidiano das feiras como espaço de criação e divulgação artísticas.

Anos depois, a prefeitura resolveu organizar a feirinha de artesanato; colocando-os em barracas na areia, no lugar

em que se encontravam os artistas; até então a Feira dos Artistas da Beira-Mar funcionava na areia e a feirinha dos artesãos no calçadão. A partir desse período os artistas não tiveram um lugar fixo, então ao longo dos anos eles passaram a ser jogados de um lugar para o outro, dependendo dos ajustes administrativos da prefeitura. Alguns artistas reivindicam a inauguração desse espaço público, afirmando que os artesãos chegaram aos poucos como ambulantes e se multiplicaram rapidamente, o que exigiu um controle da prefeitura. Durante algum tempo, para expor seus quadros na praia, os artistas tinham uma autorização dada pela prefeitura, para controlar o número de expositores. Somente depois de “*muito tempo*” a prefeitura produziu um alambrado,

[...] depois de muitos obstáculos reunimos um grupo, tá? E tentamos um espaço, onde é hoje aqui em frente ao Hotel Beira-Mar, lutamos, foi difícil, mas a gente conseguiu. Foi montada uma estrutura lá. No dia da inauguração, eu mesmo cavei buraco para fincar estacas, eu e o Nogueirão tava junto. Tivemos que cavar se não, não dava tempo. A iluminação foi cedida pelo pessoal da EMLURB, mas só que, essas lâmpadas não eram adequadas, elas queimavam com facilidade, aí nós não tínhamos como repor essas lâmpadas eram difíceis. E resolvemos por conta própria, voltamos ao espaço da feirinha, em frente ao Hotel Praiano. (Raimundo Neto).

Criaram o espaço, este onde estamos hoje. Mandaram a gente pra cá, não tinha calçadão, era na areia, iluminação precária, escuro a noite. Não tinha apoio de nada, quer dizer, era aquela coisa: “Joga eles pra lá.” Aí nesse tempo o público só vinha até a feirinha, da feirinha voltava. Aí começou a prejudicar, então nós voltamos pra lá de novo. Nós abandonamos aqui e voltamos pra lá, onde o turista vai, que é onde a gente vende, né? Aí voltamos pra lá de novo, e lá ficamos. (Manuel Neto).

Esses artistas que compõem o primeiro grupo abandonaram o espaço porque se sentiram isolados, voltando para o ponto inicial. Criou-se no espaço abandonado outro grupo, que permanece até hoje. Segundo alguns artistas, neste período o responsável pelo espaço era João Jorge Marques Melo, que não expunha no local, mas trabalhava na Funcet<sup>3</sup>; ele criou um projeto de exposições temporárias para fazer um rodízio de artistas. Na realidade não se sabe

se realmente existiu o projeto, pois não houve divulgação, mas Linco Vasconcelos afirma que:

Consegui entrar no grupo por intermédio da prefeitura, por intermédio de João Jorge, porque tinha um projeto na prefeitura e eles te davam uma autorização e você poderia expor lá, junto com os artistas. Só que era rodízio, você ia e colocava seu quadro uma semana, quinze dias, então entrava outro. Só que nunca aparecia artistas, entendeu? O rodízio acontecia, mas não aparecia artistas.

Linco Vasconcelos só soube do projeto depois que foi até a Funcet, pedir uma autorização para expor na praia. A maioria dos artistas era cadastrada na prefeitura e até o final dos anos 90 pagavam uma taxa mensal equivalente a 30 reais. Mesmo assim, a prefeitura não dava nenhuma assistência deixando o local sem manutenção.

Os artistas do primeiro grupo voltaram a expor em cavaletes sem ter um local exato para ficar, mas sempre permaneciam próximo à feirinha de artesanato. De lá, em frente ao Hotel Praiano, foram colocados próximo ao *McDonalds*, este local além de ser muito escuro era ponto de prostituição e tráfico de drogas; voltaram novamente para as proximidades do Hotel Praiano, local onde haviam dado início à Feira dos Artistas da Beira-Mar.

Durante o último mandato de Juraci Magalhães (2001 a 2004), os artistas enfrentaram muitas disputas com os fiscais da Secretaria Regional II<sup>4</sup> que não queriam quadros no calçadão, muitas vezes apreendiam trabalhos e para reaver estes, eles tinham que pagar uma multa.

Depois de muita negociação conseguiram com a ajuda de Barros Pinho, que na época era presidente da Funcet, uma ampliação do antigo espaço para expor seus quadros, permanecendo os dois grupos de artistas no mesmo local. Atualmente o que separa um grupo do outro são apenas 50 cm, uma vez que a prefeitura ampliou no sentido longitudinal do antigo alambrado.

Os conflitos decorrentes da ocupação do espaço levaram a desistência de vários artistas do primeiro grupo. Pressupõe-se que um dos motivos que levou os artistas remanescentes a suportarem as dificuldades seja o fato deles viverem exclusivamente da arte que produzem. Raimundo Neto fala:

Sabe... Muita gente desistiu, eu não, eu continuei eu sempre vim... Era uma continuação do meu tra-

balho, era onde eu tinha que mostrar o meu trabalho, eu não ia ficar com os trabalhos dentro de casa, já que havia decidido tentar viver às custas das minhas telas, do trabalho que eu estava desenvolvendo.

Alguns artistas relatam que são reconhecidos e participaram de alguns salões por causa da exposição que realizam na praia. E admitem ainda que a feira serviu como uma escola, pois adquiriram conhecimentos técnicos durante o período vivido lá, porque a maioria não fez cursos e se orgulha de ser autodidata. Eles expressaram seu desejo de estudar pintura, mas, ainda não havia escolas públicas de arte em Fortaleza, e os cursos de pintura em geral eram pagos:

Arte eu aprendi sozinho, fazia meus quadros; nunca fiz nenhum curso, sou autodidata. (Evaristo).

[...] os meninos disseram para eu ir pro lado do regional e o meu traço sempre foi ingênuo, porque eu nunca fiz curso. (Manuel Neto).

Não fiz nenhum curso, não tinha condição, era uma coisa muito difícil, na década de 80, 70, era muito difícil. (Linco Vasconcelos).

É possível que essa autodidaxia tenha produzido segredos ou técnicas que os artistas evitavam trocar, pois temiam ser copiados, o que acontece com frequência entre eles. Linco Vasconcelos é uma exceção, pois ensinou a técnica da pintura, aos cinco irmãos que expõem na feira.

Alguns desses pintores se descobriram artistas durante os primeiros anos de escolaridade, pela facilidade que tinham em desenhar e pela curiosidade de saberem como eram feitas as pinturas que viam nos livros:

[...] quando era criança já riscava. Papai dizia que eu desenhava, passava o dia riscando no chão. No colégio fazia uns trabalhos; com uns 12, 11 anos, ficava desenhando, praticava o desenho direto deixava de estudar para desenhar. (Linco Vasconcelos).

[...] vim me descobrir mesmo minha vida de artista no colégio, que já tinha o dom. (Manuel Neto).

[...] me descobri artista na sala de aula; sempre estava desenhando, rabiscando, aí a professora passava por mim e dizia que ia ser um grande artistas [...]. A gente vai vendo que não é normal né? (Evaristo Fonseca).

Estes indivíduos sozinhos, ou com a ajuda de alguém, foram trilhando o caminho das artes plásticas. Alguns ex-

puseram em galerias, porém outros somente o fizeram na Feira dos Artistas. As dificuldades de conseguirem o espaço em que se encontram hoje, os fazem lutar para não desistirem dele.

Em 2004 a Funcet quis reativar o rodízio de artistas novatos excluindo os antigos. Isso gerou uma crise que permitiu a mobilização dos artistas para a criação de uma associação. No entanto a crise não unificou os dois grupos. Apenas o segundo grupo apresentou uma proposta de melhorias e de reforma do espaço de exposição<sup>5</sup>.

Atualmente no mandato da prefeita Luiziane Lins, a Funcet tentou criar um outro espaço e acabar com a Feira dos Artistas da Beira-Mar, mas os pintores não aceitaram. Um problema enfrentado por eles é que há pessoas que expõem quadros no calçadão, vendendo por um preço muito baixo, dificultando a venda para quem está no alambrado.

Os artistas sempre esperaram do Estado e da prefeitura alguma ajuda e apoio, porém poucos se mobilizam e acabam se contentando com o que lhes é oferecido. A maioria não procura melhorias para o espaço. Talvez porque não saibam como lidar com as estruturas administrativas públicas que em geral são burocratas, morosas, assistencialistas e na maioria das vezes excludentes. Ou talvez porque não desenvolveram uma forma mais engajada de representatividade grupal. É possível que pelo fato de trabalharem de forma isolada em seus ateliês e negociarem individualmente seus trabalhos, a noção de coletividade ainda não tenha amadurecido. Entretanto, os trinta artistas cadastrados na Funcet, já são representados por três ou quatro indivíduos que têm mais facilidade de argumentação e questionamento.

Alguns artistas reconhecem essas dificuldades, mas ainda esperam que os órgãos públicos tomem uma iniciativa que os favoreça:

[...] podemos estar melhor assistidos se houvesse um interesse da parte dos políticos, governantes. Claro que não depende só deles, depende de nós também, da gente ir a luta, da gente procurar isso, mas nem sempre nós temos tanta força, nem sempre a gente alcança, a gente pode, nem sempre nós temos tempo, acesso a essas pessoas. Acho que temos um bom espaço que poderia ser melhorado [...]. Isso aqui é o governo municipal ou estadual não sei, o pessoal da Secretaria de Cultura, ou alguém ligado ao turismo, isso aqui poderia ser visto por essas pessoas ligadas a esses setores. (Raimundo Neto).

Hoje não vejo mais como um espaço de arte, vejo mais artesanal, as pessoas vêm atrás de trabalho, vejo também sem apoio dos órgãos que não se interessam em melhorar, pois acho que deve melhorar o espaço físico [...]. Gostaria que o governo visse mais como uma representação artística da cidade. (Linco Vasconcelos).

A Feira dos Artistas da Beira-Mar é uma entre tantas representações culturais de Fortaleza; ela está muito próxima do turismo, o que faz com que a maioria dos quadros comercializados vá para o exterior. Portanto, os artistas merecem o reconhecimento e amparação dos órgãos públicos, porque participam de uma rede produtora de bens culturais que geram dinheiro para economia do Estado. Santos (1996) argumenta que:

Há uma percepção, cada vez mais forte [...], de que a cultura, sob suas mais variadas formas e expressões, é um segmento cada vez mais presente na promoção do desenvolvimento econômico, assim como também na formação do cidadão e no resgate da identidade cultural e histórica do nosso povo. Nesse sentido, as manifestações culturais mobilizam recursos, envolvem uma enorme quantidade de pessoas trabalhando, promovem a distribuição de bens e produtos e contribuem assim para a pesquisa da qualidade artística e a profissionalização do fazer cultural.

No final dos anos 70, época em que a feira começou, os quadros eram produtos diferenciados, chamavam a atenção de quem passava na Beira-Mar. Os artistas tinham o propósito de levar a arte até o público que não participava das amostras nas galerias e nos salões, tornando as pinturas mais populares e facilitando sua aquisição. Desta forma os artistas, comercializando seus quadros, não dependiam mais de galerias nem de *marchands*, para negociar seus trabalhos (Matos, 2006).

Os quadros eram emoldurados e o tamanho não ultrapassava 50 cm por 70 cm, pois a maioria dos artistas transportava de ônibus seus trabalhos. Em alguns momentos, os preços dos quadros ultrapassavam o valor de um salário mínimo, dependendo do tamanho: “Às vezes dava para segurar o valor do quadro, mas outras não tinham nem dinheiro para voltar para casa, aí qualquer proposta a gente aceitava” (Lúcio Pontes).

Ainda nesta época, os artistas vendiam mais para pessoas de Fortaleza e às vezes de Brasília e São Paulo. Fortaleza não era tão procurada pelos turistas, como acontece hoje e os poucos que apareciam, olhavam, gostavam, mas não tinham como levar os quadros por causa da moldura. Com o passar do tempo as molduras foram dispensadas, pois preferiam comprar sem elas, principalmente quando era para viagem. Isso facilitava a venda e também o transporte do quadro.

Hoje, não se usam mais molduras. Quando os quadros são vendidos tira-se a tela do chassi e coloca-se em uma sacola feita de lona. Isso facilita a venda e o transporte das peças.

Os preços também foram mudando, pois era inevitável não acompanhar a inflação que fazia o preço diminuir consideravelmente em curto espaço de tempo. Na década de 90, um quadro de 1m por 0,90cm custava quase 3 salários mínimos, também foi este o período de maior venda, pois os turistas passaram a comprar mais. Foi um tempo de muita produção, alguns artistas vendiam mais de dez quadros por noite. Eles pintavam dia e noite e quase sempre conseguiam vender seus trabalhos. Neste período houve um grande interesse de outros artistas para vender seus produtos na praia, pois viam um crescimento financeiro dos que estavam lá. Foi também nesta época que os artistas do segundo grupo colocaram vendedores, alegando que precisavam ter um maior tempo de produção.

Basicamente, quem sustenta os artistas são os turistas e esses aparecem mais nos períodos de alta estação, em que há maior produção e venda. Há artistas que fazem quadros para revenda, principalmente para europeus, produzindo de 20 a 30 pinturas por dia. Mas, como a feira é muito diversificada ainda há artistas que fazem um quadro por dia ou por mês e vendem até por 6 mil reais. Hoje não há tantas vendas como antes, existe uma disputa muito grande, entre os artistas. Acontece, às vezes, de um desprestigiar o trabalho do outro, principalmente quando aparece um comprador.

Ao observarmos todo o calçadão da Beira-Mar podemos ver uma grande quantidade de objetos sendo comercializados. O artesanato ganha um grande destaque, tanto pela diversidade como pela tática dos vendedores de espalhar artigos pelo chão.

Há um questionamento se o que é comercializado na Feira dos Artistas da Beira-Mar é considerado artesanato. Muitos artistas garantem que suas obras, por mais que sejam comercializadas. Na praia, não são artesanato. Mesmo fazendo trabalhos repetitivos, afirmam que não criam em



série e que cada um tem um valor diferente. Parece haver um preconceito sobre o artesanato, sobretudo na forma como ele é produzido e negociado. Eles às vezes referem-se ao artesanato como algo sem importância, mal acabado.

Entendemos que o artesanato não se limita somente ao ato de fazer cópias, ele é muito mais, pois transmite uma história de vida, uma tradição que é passada de pessoa, para pessoa de uma mesma família ou de um mesmo grupo social. Portanto, não podemos afirmar se o que é produzido pelos artistas na praia é arte ou artesanato. Este grupo é muito heterogêneo, há artistas que têm trabalhos com uma temática bem definida e outros pintam sem conceitos pré-determinados. Aparentemente esses artistas não perceberam ou negam a experiência artesanal como complementar da atividade artística.

Os artistas argumentam que o objetivo principal que os fazem participar da feira é a exposição e não somente a venda, quando na realidade o que ocorre é o contrário, pois eles estão lá também pela venda; por isso não abandonam a feira e lutam para que não sejam retirados de lá. Ser negociante, comerciante, discutir valores, baixar o preço para não perder a venda, reforçar a qualidade de seus trabalhos é algo que também compete ao artista, seja popular ou não. Parece que a dimensão econômica da arte não é tratada de forma igualitária nas diversas manifestações artísticas, por mais que se negocie em outros lugares há uma discriminação na comercialização em feiras.

Em geral, na formação acadêmica em arte, o empreendedorismo não é estudado ou questionado. Parece não haver uma relação entre a aprendizagem estética e a comercialização dos objetos artísticos, o que reforça a idéia de que os artistas necessitam dos *marchands* e suas galerias. Os artistas populares, ao contrário, produzem sem muitos aparatos filosóficos ou questionamentos estéticos, mas atingem diretamente um público que absorve sua produção.

## Conclusão

Ao inserirmos a Feira dos Artistas da Beira-Mar no contexto da história de artes plásticas de Fortaleza, buscamos apontar uma referência do mercado de arte pictórica que não se enquadrou nos modelos da época. Segundo Montezuma (1990) os anos oitenta foram marcados pela criação de espaços de comercialização de arte em Fortaleza que se especializaram em obras mais acadêmicas e de caráter decorativo. Muitos desses espaços funcionavam no ateliê de um artista, que intermediava a venda de pinturas de outros colegas. Tam-

bém as vidraçarias e moldurarias negociavam trabalhos dos pintores que despontavam no cenário artístico de então. Havia ainda as lojas de decoração que agregavam uma pintura a venda de móveis e tapetes.

Parece que a função decorativa é difícil de ser aceita como parte de uma estratégia econômica para a produção e difusão de pinturas. Em geral, as pessoas da classe média local que adquirem pinturas o fazem mais por razões subjetivas que por investimento econômico. É bem possível que ao detectar estas características o artista das feiras persiga uma temática repetitiva, porém de fácil aquisição. Pressupõe-se que os turistas europeus comprem com mais frequência por que este tipo de atividade, decorar ambientes com peças de lugares distantes, já faça parte de sua cultura secular. Esta atitude de uma clientela cujo poder aquisitivo e social ainda é visto pelo senso comum como superior, altera os modos de produção e comercialização dos objetos de arte.

Enfim, a Feira dos Artistas da Beira-Mar se mostra mais alinhada com essa perspectiva econômica, a disputa dos artistas pelo espaço reflete em parte esta questão, mas não se encerra nela, outros estudos se fazem necessários para entendermos as formas de resistência desses artistas.

## Referências Bibliográficas

MATIAS, Aluizio dos Santos. *A Lei “Câmara Cascudo” e a Perspectiva de Formulação de Políticas Públicas na Área de Cultura*. Disponível em: < <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/matias/politicaspUBLICAS.htm> > . Acesso em 20 fev. 2006

MATOS, Tereza G. *Por uma Historiografia da Feira dos Artistas da Beira-Mar em Fortaleza*. Monografia do TCC, Cefet. 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História Oral*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MONTEZUMA, Maria de F.S. *Pintura - traços históricos, vida e produção artística em Fortaleza*. Fortaleza, 1990.

## NOTAS

<sup>1</sup> Artista Plástica graduada pelo CEFET/CE. [tereza\\_matos@yahoo.com.br](mailto:tereza_matos@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutorando em Educação pela UFC, professor do curso superior de artes plásticas do CEFET. [gilmach@cefetce.br](mailto:gilmach@cefetce.br)

<sup>3</sup> Fundação de Cultura, Esporte e Turismo do Município de Fortaleza.

<sup>4</sup> Sobre estes episódios, algumas matérias foram veiculadas nos telejornais locais, em 2004, entretanto na forma

truculenta como alguns artistas e artesãos foram tratados ficou evidente que as execuções das políticas públicas definidas pelo Poder Executivo Municipal estava longe de ser uma prestação de serviços a essa comunidade.

<sup>5</sup> A Associação dos Artistas Plásticos da Beira-Mar foi registrada no Cartório Morais Correia 4º Ofício, em 11 de outubro de 2004, com número de inscrição: 05.550.035/0001-18.